



S. M. CATHOLICA, D. ISABEL II.

Os CASAMENTOS das augustas filhas de Fernando VII deram largo thema, antes de verificados, á imprensa politica; e ainda teem continuado a fornecer texto para muitas columnas a narração das solemnidades e festejos que se lhes seguiram. Alguns jornaes francezes lembraram-se de publicar por esta occasião as noticias dos precedentes enlaces matrimoniæes entre as casas soberanas de Hespanha e França. Resumiremos a relação do ultimo, porque mostra a diplomacia e etiqueta do seculo passado n'estes negocios. —

Luiz XV, que em 26 d'agosto de 1739 concedeu a mão de sua filha, Maria Luiza Isabel de França, ao principe das Asturias, herdeiro presumptivo da corôa d'Hespanha, resolveu-se, pelo fim de 1744, a estreitar por novo matrimonio os laços que uniam as duas reaes familias. Com effeito, foi o bispo de Rennes enviado officialmente á côrte de Madrid com o character de embaixador extraordinario e a commissão de pedir para o delphim de França a mão da prínceza Maria Thereza Antonia. A 6 de dezembro chegou a Madrid, e a 8 o mordomo de semana de

Filippe V o conduziu com grande pompa a palacio n'uma carroagem da côrte. Abriam o prestito trinta e seis lacaios com librés, vestidos com elegancia e riqueza, em duas linhas e precedidos de dois suissos a cavallo; seguiam-se seis moços da camara, e o mordomo ia á sua frente, de farda escarlata bordada de ouro. Vinham depois o escudeiro do bispo, tambem de farda escarlata agaloada em todas as costuras, acompanhado de seis formosos pagens, vestidos de veludo carmezim, e a carroagem que trazia o embaixador e o mordomo de semana; dois palafreiros com a libré da casa real marchavam conduzindo os cavallos de estado; seguiam quatro carroagens do embaixador tiradas cada uma por seis mulas ricamente ajaezadas: as duas primeiras iam vacias, na terceira ia o esmoler do bispo de Rennes com mais quatro sacerdotes, e occupavam a quarta quatro gentishomens vestidos de casacas de veludo pardo: a carroagem do mordomo, tirada a quatro, e guiada por um cocheiro e um postilhão cerrava o prestito.

A comitiva, depois de haver atravessado a cidade, entrou no paço do Retiro pelo pateo das cosinhas, e

VOL. I. — DEZEMBRO 12, 1846.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

alli foi recebida por uma companhia das guardas hespanholas e outra de guardas valonas, formadas em alas: desfilou depois no pateo principal afim de que SS. MM. podessem vê-la das janellas. O embaixador e mordomo se apearam, atravessaram os corredores onde estavam postados os alabardeiros, e subiram á regia habitação pela escada principal. — O duque Bousnonville, capitão das guardas de serviço, á frente da officialidade do corpo saiu a receber o embaixador, o qual se adiantou entre alas das guardas até a casa que communica com a sala de audiencia, onde o esperava o secretario de gabinete. El-rei entrou na sala pouco tempo depois, e se collocou no extremo mais immediato ao seu aposento, e ainda que tinha ao lado uma cadeira se conservou de pé e se cobriu, assim como todos os grandes d'Hespanha que estavam em fileira ao longo da parede: mais além, em seguida, estavam os mordomos de semana, e defronte ao lado direito os gentishomens da camara que não tinham titulos de grandeza; tendo-se deixado um espaço entre o rei e elles para os embaixadores e ministros estrangeiros. O resto da sala estava occupado por grande numero de pessoas de todas as classes, porém bem trajadas. O secretario de gabinete disse em alta voz que o embaixador extraordinario de S. M. Christianissima esperava licença para entrar; el-rei mandou que fosse introduzido á sua presença; o bispo, que se revestira de roquete e pozera a mitra, entrou immediatamente, seguido do seu secretario, pela porta que fazia frente ao lugar onde se achava o rei, e depois de haver feito as tres reverencias do estylo fallou a S. M. em latim: concluido o discurso, declarou o objecto da sua missão: o rei levou a mão ao chapéu e o embaixador se retirou tendo feito as cortezias do costume.

A saída da audiencia real dirigiu-se o bispo aos aposentos da rainha; esta achava-se á missa com as princezas suas filhas. O embaixador, tendo esperado um pouco, teve aviso de que a rainha, havendo-se concluido o officio divino, o receberia, e foi introduzido á sua presença por um mordomo, que repetiu em voz alta o nome e dignidade do bispo. A sala apresentava o seguinte aspecto: a rainha debaixo do docel, duas infantas a seus lados, as damas do seu serviço por detraz ou na mesma linha das infantas, as damas de honor e os grandes do reino em frente, e ao lado d'estes os embaixadores e ministros estrangeiros. O bispo de Rennes, depois de fazer tres profundas reverencias á rainha e duas ás infantas, pronunciou a sua arenga, mas em francez, e poz nas mãos da camareira mór as cartas dirigidas á rainha e ás infantas, depois do que se retirou descoberto como tinha fallado, porquanto a cõrte de Hespanha já havia adoptado o uso da franceza, de fallar ás senhoras de qualquer jerarchia com a cabeça descoberta. O embaixador teve de apresentar-se tambem ao principe das Asturias; porém do quarto d'este já se havia desterrado parte da etiqueta, porque a princeza das Asturias, Luiza Isabel, filha de Luiz XV, tinha manifestado a sua predilecção pelos usos da cõrte de França. Sem embargo d'isso, apparecendo n'essa occasião o infante cardeal, tiveram de guardar-se as ceremonias hespanholas, de que o mesmo infante era rigido observador.

No dia 13 ás sete horas da noite verificou-se a cerimonia da assignatura do contracto na sala da audiencia do rei. Estava esta sala magnificamente adornada e illuminada. No extremo mais visinho do aposento d'elrei estavam as cadeiras para este e a rainha, e á esquerda d'esta havia outras seis collocadas em fileira para o principe e princeza das Asturias, o in-

fante cardeal e as infantas Maria Thereza e Maria Antonia. Um pouco antes da chegada de SS. MM. saíram da sala os que por seus empregos não tinham direito de assistir á cerimonia, e ficaram sómente os principaes empregados da casa real, os grandes d'Hespanha, e os gentishomens da camara collocados em duas fileiras á direita e á esquerda, os mordomos de semana, officiaes da guarda de Corpo, e alguns da guarda d'infanteria, os dois secretarios de estado, o inquisidor geral, o presidente do conselho de Castella, alguns bispos, e a final os confesores do rei e da rainha. Os ministros estrangeiros tinham logar por detraz das cadeiras de SS. MM. Quando todas as pessoas da familia real tomaram assento, cada um dos assistentes se collocou no posto que havia occupado nas ecermonias anteriores, e os grandes d'Hespanha de todas as classes ficaram defronte do rei e da rainha: o embaixador de França assentou-se n'uma cadeira de respaldo ao lado esquerdo do monarcha. O marquez de Ussart, secretario d'estado e notario mór, fez preparar uma mesa coberta com uma alcatisa, a qual com dois castiçoes massiços de prata mandou pôr diante do rei. O mordomo mór deu uma pancada de bastão no pavimento, e o sobredito secretario d'estado, de pé e de cabeça descoberta, começou a ler em voz alta o contracto de matrimonio. Concluida a leitura, que durou tres quartos de hora, o rei e a rainha assignaram. A rainha mandou á infanta Maria Thereza que se chegasse e assignasse na sua presença. Depois foi collocada a mesa diante de cada pessoa da familia real, e todos foram assignando por seu turno. Do contracto se fizeram dois exemplares, um para Hespanha em hespanhol, outro para França em francez. Depois assignou o bispo de Rennes como procurador do rei e do delphim de França. O marquez de Villarias, o almirante de Castella e o inquisidor geral haviam assignado antes da cerimonia como commissarios. Os officiaes mores da casa, os capitães das tres companhias das guardas de Corpo, um consideravel numero de grandes e gentishomens da camara, os dois secretarios de estado, alguns bispos e os dois confesores, posto que designados como testemunhas, não assignaram.

No dia 18 á noite o patriarcha das Indias celebrou o matrimonio religioso. O principe das Asturias, em virtude de auctorisação expressa de Luiz XV, representou a pessoa do delphim. A cerimonia foi mui singela, e só foram presentes a real familia, alguns grandes d'Hespanha e seus primogenitos, e algumas damas do paço.

A 20, depois de um grande banquete, celebrado em publico segundo o costume, a delphina recebeu a benção de seus pais o rei e a rainha de Hespanha, despediu-se de seus irmãos, e deu beijamão aos concurrentes. Depois, acompanhada sómente do principe e princeza das Asturias, e seguida de toda a embaixada franceza, saiu de Madrid: a uma legua d'esta cõrte subiu com uma só dama de honor á carroagem que para esse effeito lhe tinha enviado o rei de França. O conde de Montijo, encarregado de conduzir a princeza até onde a esperavam o conde Lauraguais e os commissionados francezes; tomou então o mando da escolta, e todos se pozeram a caminho para a fronteira de França. Chegados a Fuenterrabia, onde esperavam já a delphina havia muitos dias os criados de sua casa e os officiaes da escolta franceza, recebeu ella da parte do rei seu sogro, e por mão do cavalheiro La Fare, seu estribeiro o retrato do delphim e varios presentes da etiqueta. O conde de Lauraguais por parte da França e o de Montijo pela de Hespanha, assistidos dos respectivos secretarios, regu-

laram em breve todas as formalidades da entrega da princeza. Verificou-se esta entrega na celebre ilha dos Faisões, situada no meio do rio Bidassoa, sobre o qual se lançou uma solida ponte de madeira. Depois na mesma ilha se levantou um pavilhão composto de dois aposentos separados por uma grande sala, servindo esta, de certo modo, de fronteira ás duas nações, cujos representantes rivalisaram em gosto e magnificencia para adornar os seus respectivos departamentos. Do lado dos francezes chegava-se ao pavilhão por uma rua de arvores magnifica, chamada rua de França, formada de 130 pinheiros assentados alli no dia antecedente, e adornada com grinaldas de louro, murta e flores, com divisas galantes em papeis de côr.

No dia 13 a delphina apeou-se da carroagem á entrada da ponte da parte hespanhola, e passou a pé dando-lhe a mão o conde de Montijo, seguida dos hespanhoes que a tinham acompanhado na jornada. Logo que chegou ao pavilhão descançou um momento debaixo de um docel com as armas de Hespanha, e depois entrou no departamento da sua nação sem mais detença que atravessa-lo, e por ultimo passou á grande sala, onde se verificou a entrega de sua pessoa aos cavalleiros francezes, os quaes assignaram de pé o termo de recebimento. Terminadas estas formalidades, a princeza comprimentou o conde de Montijo, deu-lhe a mão a beijar assim como aos mais hespanhoes e os despediu. Depois, dando-lhe a mão o conde de Lauraguais, passou ao departamento francez, onde recebeu as felicitações e homenagens dos gentishomens e o juramento dos criados de sua casa. A duqueza de Brancas, sua dama de honor, e a marquezia de Rubempré, sua camareira, lhe appresentaram o guarda-roupa que lhe enviava o rei de França; a princeza mudou logo de vestidos, entrou para a carroagem, e deu ordem de marcha para Paris.

As particularidades das festas que se fizeram em honra d'esta princeza nas cidades por onde passou, e sobre tudo em Paris, não serviriam senão de tornar mais triste a recordação de seu fim prematuro, pois que morreu sobre parto a 26 de julho de 1747, ainda não decorridos dois annos de casada: seu filho não lhe sobreviveu. O delphim casou depois com a princeza de Saxonia, Maria Josefina, e teve d'ella tres filhos e duas filhas, que foram, o desditoso Luiz XVI, Luiz XVIII, Carlos X, e as princezas Clotilde e Isabel de França.

GENIO DOS FINLANDEZES.

A ESTRADA de Abo a Helsingfors é conservada cuidadosamente em bom estado, mas é silenciosa e deserta: no espaço de sessenta leguas não existe uma cidade, uma aldeia. Em todo o tempo que gastei a percorre-lo creio que não encontrei seis viajantes: o seu aspecto, em summa, assemelha-se ao que já eu tinha observado em muitos pontos da Suecia: ora se passa por meio de um bosque de abetos e de bétulas, ora se trepa um outeiro semeado de penedos, ora se desce a uma planura de areal por onde corre mansamente um ribeiro. A poucas milhas de Biosberg vi uma cataracta e uma ferraria. Pouco mais ao longe descortina-se algum lago cercado por uma ourela de arvoredos ou por muralhas de rochedos granitosos. Os mais formosos lagos da Finlandia acham-se nas provincias de Savolax e Carelia, que pela frescura dos valles e as verdes ladeiras das eminencias trazem á lembrança o paiz variado e picturesque da Dalecarlia. — N'este solo pedregoso e areento, coberto aqui de musgo, e acolá erriçado de matto, onde quer que ha uma courella de terreno aravel é cultivada com in-

telligencia e perseverança. Os finlandezes são muito bons agronomos; nem o trabalho da lavoura, nem a intemperança das estações, nem a natureza rispida que illude os seus esforços, os amedrontam: tem levado a relha do arado além do circulo polar, e colhido cevada nos confins da Laponia; onde houver um campo lavradio assentarão uma vivenda. De ordinario não é mais do que uma barraca mesquinha e de madeira, de alguns pés d'alto, só allumiada por uma claraboia, e mais parecendo um pombal do que humana habitação; sem embargo, é bastante para aninhar uma familia inteira; d'ella saem homens robustos, acostumados a todas as privações, rijos para toda a casta de fadigas, e mulheres que ostentam o typo augusto da belleza sob os trajos da penuria. Dia virá em que a ninhada, mantida a batatas e leite azedo, largará o seu pouso: assoldadam-se rapazes e raparigas, e de seus salarios levantam um piedoso dizimo para seus pais já velhos, que com o auxilio d'este soccorro filial acabam com certa commodidade a vida começada em lidas e fraguas.

Os paisanos finlandezes estão capacitados de extravagantes superstições. Esta gente simples e ignorante creê na existencia de uma turba de espiritos mais ou menos malfazejos que influem poderosamente nos destinos dos homens. N'alguns districtos imaginam que os mortos podem, lá em certas epochas, visitar as suas casas, e como os vivos não tem a menor cubica de os tornar a ver, por isso lembraram-se de usar de um expediente singular. Poem o caixão do defuncto, quando o levam ao cemiterio, que é sempre longe, em cima do carro que no andar dá mais solavancos, e gniann'os pelos carris e azinhagas mais asperas e intractaveis, assim de que o corpo vá bem balouçado e sacudido; isto (dizem elles) para que os defunctos lá na cova se lembrem de tão ruim caminhada e lhes fuja a tentação de voltar ao sitio d'onde foram transportados.

CARLOS VI E OS SEUS CORTEZÃOS.

EM 1380 caiu a França nas desgraças de uma menoridade: Carlos VI se achou de posse do throno na idade de doze annos. A regencia pertencia ao duque d'Anjou, que ambicioso e avarento queria dinheiro e poderio; o duque de Berry era excluido dos negocios; a tutella estava confiada aos duques de Borgonha e de Bourbon, igualmente tios do rei menor: estes dois, invejosos e turbulentos, não contentes da parte de auctoridade que lhes tocava, queriam coarctar a do regente; e todos elles, desprezando os interesses do povo, não curavam senão de segurar os seus proprios. Os arredores de Paris foram desapidadamente devastados pelos partidarios que estes sediciosos por alli junctaram, na intenção de crearem um regime a cujo abrigo o seu despotismo e rapinas ficassem impunes: — foram tamanhas as desordens que se estabeleceram arbitros obrigados a intervir n'ellas. Decidiu-se que a coroação teria lugar a 4 de novembro seguinte; que a regencia cessaria então, que o rei governaria em seu nome, assistido comtudo de um conselho de que seus tios fariam parte. O duque d'Anjou, certo da tranquilla posse do poder, ao menos por alguns mezes, quiz aproveitar-se: nada iguala o descaramento de saquear a que se entregou; apossou-se até das joias e baixella da corôa, e não se envergonhou de ameaçar de morte o confidente do defuncto Carlos V, se lhe não descobrisse o lugar em que estava o thesouro de dezeseite milhoes que aquelle monarcha colligira: o temor do supplicio quebrantou a fidelidade, e foi satisfeita a avareza do regente.

Sendo grave o peso dos impostos, e constando que o rei fallecido recommendara na sua hora derradeira que fossem supprimidos todos os que se haviam lançado depois de Philippe o formoso; como a corte não tinha pressa de cumprir a ultima vontade de Carlos V, o povo amotinou-se, e o conselho viu-se na precisão de convocar os Estados-geraes: mas esta assemblea foi frouxa e dividida entre si; e tanto o conheceu o regente, que renovou, apenas dissolvida, todos os tributos cuja abolição ella havia sancionado. Foi este acto o signal de um levantamento em Paris e muitas cidades. Não descreveremos scenas de excessos, delirios e horrores: a França estava tão desgraçada quanto, alguns annos antes, havia sido poderosa. A expedição a favor do conde de Flandres, perseguido pelos subditos rebellados, veio dar motivo a novas calamidades, e peor aconteceu com outra, armada pela ambição do duque de Anjou: — foi um projecto de conquista na Italia.

Tractava-se do reino de Napoles onde reinava a posteridade de Carlos d'Anjou. A rainha Joanna, na sua varia fortuna, achando-se sem descendencia havia escolhido por herdeiro Carlos Durazzo, descendente como ella do irmão de S. Luiz. Estava então no seu auge o grande scisma pontificio: Urbano VI em Roma, Clemente VII em Avinhão se excommungavam reciprocamente. O primeiro depoz Joanna, porque se declarara a pró do seu competidor, e foi tão immoral que ordenou ao proprio Durazzo se armasse contra a sua bemfeitora; Durazzo foi tão vil que obedeceu ás vontades do papa. Então a rainha napolitana retractou a sua doação, e nomeou para successor o duque d'Anjou, irmão de Carlos V de França, a quem a esperança de uma coroa conduziu á Italia. O papa Clemente VII devia naturalmente proteger o duque de Anjou; auctorisou-o para levantar dizimos e excommungou a Durazzo e aos que o seguiam. O duque passou os Alpes com um exercito de sessenta mil homens: não duvidava do triumpho; mas já o seu rival se tinha assenhoreado de Napoles e mettido em prisão a rainha Joanna, a quem mandou estrangular á chegada do exercito francez, assim como ella em outro tempo fizera estrangular o seu primeiro marido. O duque procurava o inimigo para o combater; Durazzo que conhecia as suas vantagens não as quiz arriscar n'uma batalha; limitou-se a inquietar o contrario, que por deserções se ia enfraquecendo. Os thesouros do duque esgotavam-se; sua mulher lhe transmittiu novos recursos pecuniarios, e encarregou um confidente de os ir receber a Veneza, mas o valido apossou-se do dinheiro e o dissipou. O duque de Anjou, desesperado, devasta os territorios que atravessa; arremeça-se furioso a uma partida de inimigos que encontra, recebe uma ferida no conflicto, enferma por algum tempo e morre. Os fragmentos dispersos do seu exercito se recolheram para entristecer a França com o espectáculo do seu desbarate.

Pouco tempo depois d'aquella malograda expedição, Carlos VI tomou por mulher Isabel de Baviera, que por seu character ambicioso, e alma deshumana, tanto mal fez á França. O conselho dos principes governava sempre, apesar da maioridade do rei, que contava dezeseis annos. Novas sedições na Flandres, sustentadas por tropas inglezas, assustaram o duque de Borgonha. O conselho assentou de mandar á Inglaterra uma armada formidavel, afim de castigar por uma vez a insolencia da nação rival. O miseravel estado da fazenda publica, continuadamente saqueada desde a morte de Carlos V, era um poderoso obstaculo ao cumprimento d'este designio. Dobraram-se todos os impostos, e além d'isso estabeleceu-se um

emprestimo forçado para acudir ás enormes despezas que exigia aquelle armamento. A oppressão era tal que o povo não ousou murmurar; a propria nobreza foi sujeita á derrama geral; e o clero, outr'ora tão cioso das suas immuniidades e arrogante, já não possuindo mais que a sombra d'ellas, obteve por privilegio unico o dar a titulo de donativo a collecta que o governo lhe podia extorquir á viva força.

Foi no porto de l'Ecluse que se ajunctaram todos os navios para esta formidavel empreza. Uma frota de trezentas velas, que devia levar o rei, os principes e um exercito de cem mil homens, se reuniu com brevidade. Na Bretanha embarcou o madeiramento, para assim dizer, de uma cidade inteira, que serviria de alojamento e de trincheiras ás tropas depois do desembarque. A Inglaterra, assombrada d'este immenso apparatus, moveu-se em pezo; até o clero correu ás armas: parecia inevitavel uma invasão terrivel; e todavia os colossaes projectos da França ficaram em nada. O duque de Berry devia trazer tropas da Guyanna; porém os inglezes offereceram-lhe dinheiro e deu causa a falhar a expedição com delongas continuadas. A esquadra que transportava a famosa cidade de madeira, conduzida da Bretanha a Ecluse pelo condestavel Clisson, foi accommittida de horrorosa tormenta que dispersou os navios, um dos quaes á discrição das vagas foi dar ás praias d'Inglaterra, como para informar aquella nação de que os elementos conspiravam para desconcertar os designios da sua adversaria. Uma parte do exercito que estava para o desembarque foi ás ordens do duque de Borgonha guerrear os flamengos; e a Inglaterra ficou desaffrontada de sustos.

Mas o rei não abandonara inteiramente o seu plano da invasão. Equiparam-se em segredo nos portos de Treguier e de Harfleur navios e soldados: o condestavel passou á Bretanha para tomar o commando da armada. O duque da Bretanha, cioso dos amores que suspeitava entre sua mulher e Clisson, com manha attrahiu este a Vannes, fe-lo agarrar e metter n'um calabouço; fôra a sua tenção mata-lo, mas o criado de confiança, a quem dera ordem de o precipitar durante a noite no mar que banha as muralhas do torreão, horrorisou-se á idéa d'este crime, e não teve forças para consumma-lo. O duque, arrependendo-se, renunciou os seus projectos de vingança: mas não soltou o prisioneiro senão pelo preço de muitas praças fortes e de uma consideravel quantia. Clisson, furioso, appresentou-se em Paris a pedir justiça ao rei. O duque foi chamado, e pretendeu justificar-se; o rei exigiu a restituição das cidades e do preço do resgate, e reconciliou os dois inimigos. Pela segunda vez se renunciou a expedição contra Inglaterra.

Fatigado do jugo de seus tios, o rei declarou que queria reinar independente; escolheu ministros, retirou do governo do Languedoc o duque de Berry, mandou queimar vivo Betizac, confidente d'este principe e agente de todas as dilapidações, constituiu permanente o parlamento, e excluiu d'elle os abbades e priores como Philippe o longanimo já tinha desviado os bispos; depois deu funcções esplendidas e torneios, em que o duque d'Orleans, seu irmão, e mesmo elle tomavam parte. A corte mudara totalmente de aspecto; a rainha e a formosa Valentina de Milão, sua cunhada, ostentavam o brilho da mocidade juncto á belleza; mas a prodigalidade do monarcha contrastava com a penuria do povo. Não se cuidava senão de divertimentos, quando a tentativa de assassinio na pessoa do condestavel Clisson por mandado do duque de Bretanha veio consternar os animos: o perpetrador era Pedro de Craon, o infame que rou-

bara o espolio do duque d'Anjou na Italia; evadiu-se para a Bretanha. O rei exigiu que Montfort lh'o entregasse; porém o duque recusou. Então Carlos VI resolveu fazer guerra á Bretanha, para vingar o condestavel, que convalescido das feridas continuava a gozar do favor da côrte: os tios do rei, ciosos da ascendencia que grangeára Clisson, procuraram oppôr-se áquelle projecto; mas Carlos VI, impetuoso e absoluto, quiz leva-lo a cabo. Poz-se á testa de um exercito, e atravessava o bosque de Mans quando um homem vestido de branco, postado verosimilmente pelos principes, mas que a imaginação fraca e exaltada do rei tomou por espectro, saltou d'entre a matta cortada, e agarrando-lhe no freio do cavallo bradou: «*Retrocede, ó rei; estás atraído!*» O infeliz monarcha ficou mudo de assombro; comtudo a marcha progrediu; de repente o casual embate de uma lança n'um capacete o transporta de furor e de espanto

a um tempo; e declara-se violentamente n'esse momento a demencia que tinha de durar toda a sua vida. Com trabalho o seguram e conduzem a Paris; os duques de Berry e de Borgonha apossam-se da auctoridade; Clisson, a quem detestavam e queriam deitar a perder, viu-se obrigado a fugir; e foi despojado da dignidade de condestavel. O rei, recobrado o juizo ao fim de seis mezes, apenas teve tempo para approvar tudo quanto se fizera durante a sua alienação: um accidente, succedido n'um baile, lhe motivou novo accesso; desesperaram de o curar: recahidas frequentes o determinaram a nomear um conselho de regencia, á testa do qual collocou seu irmão: aqui tem principio a sanguinolenta rivalidade das casas de Borgonha e de Orleans, fonte de tantas discordias que não particularisamos por não ser nosso intento narrar os acontecimentos de uma epoca inteira da historia da França.



Por este tempo appareceram pela primeira vez as cartas de jogar, que foram inventadas (ignora-se definitivamente por quem) para entreter os lucidos intervallos que a loucura deixava ao rei Carlos VI. — Depois se propagou com furor pela França entre a nobreza, e d'ahi pela Europa e entre o povo o uso de jogar as cartas, convertendo-se em causa motora da ruina de muitas familias e da perda de muitas vidas e reputações o que fóra imaginado para instrumento de distracção. — As primeiras cartas eram pintadas á mão, e por isso custava o baralho muito caro; muito posteriormente se lembraram de as gravar e illuminar, e então desceu muito o preço, e a gente vulgar poud servir-se d'ellas.

OS TEMPLARIOS.

(Continuado de pag. 109)

Eu não quereria associar-me aos perseguidores d'esta illustre ordem. O inimigo dos templarios sem querer os purificou: os tractos, mediante os quaes lhes extorqui vergonhosas confissões, parecem uma presumpção de innocencia. Move-nos o animo a não acreditar desgraçados que se accusam no martyrio do potro: se tiveram maculas, inclinamo-nos a não as divisar, apagadas como foram pela chamma das fogueiras. — Subsistem, comtudo, graves testemunhos, obtidos fóra da polé e dos tractos. Até as arguições que não foram comprovadas não são menos verosimeis para quem conhece a natureza humana, para quem considera se-

riamente a situação da ordem nos seus ultimos tempos.

Era natural que se introduzisse a relaxação entre cenobitas guerreiros, filhos segundos da nobreza, que corriam em busca de aventuras longe da christandade, muitas vezes longe da vista de seus capitães, entre os perigos de uma guerra de morte e as tentações de um clima ardente, de uma região de escravos, da luxuriosa Syria. O orgulho e o brío os sustentaram em quanto houve esperanças a pró da Terra Sancta. Agradeçamos-lhes terem resistido por tão dilatado tempo, quando em cada uma cruzada a sua expectação ficava tão tristemente abatida, quando toda a predição mentia, e os milagres promettidos se differiam sempre: não havia semana que o sino de rebate de Jerusalem não annunciasse a apparição de arabes na planicie assolada: tocava sempre aos templarios, aos hospitalarios, montar a cavallo, sair dos muros. A final perderam Jerusalem, e depois S. João d'Acre: soldados abandonados, sentinellas perdidas, deve por ventura admirar que na tarde d'aquella batalha de dois seculos se lhes prostrassem os braços?..... — É grave a queda depois dos esforços vehementes: a alma que tanto acima se elevava no heroismo e sanctidade bem pesada cae por terra..... Enferma e cheia de azedume engolpha-se no mal com uma sêde asperima, como para vingar-se de haver crido. Tal parece ter sido a queda do Templo. Quanto havia de sancto na ordem se tornou em peccado e mancha. Depois de se ter encaminhado do homem para Deus, voltou de Deus para a bruteza. As piedosas agapes, as fraternidades heroicas encobriram paixões torpes de ce-

libatarios: occultavam a infamia atolando-se mais n'ella: o orgulho tambem entrava n'isto; esse povo eterno, sem familia nem geração carnal, recrutado pela eleição e o espirito, ostentava desprezo á mulher, crendo-se sufficiente a si mesmo, e não amando ninguém á excepção de si mesmo. Como passavam sem mulheres, passavam sem sacerdotes, peccando e absolvendo-se uns aos outros. E passaram tambem sem Deus. Ensaíaram superstições orientaes, a magia sarracena. A principio symbolica, a abjuração veiu a ser real; renegaram de Deus que não lhe dava a victoria; tractaram-n'o como um alliado infiel que os trahia, ultrajaram-n'o, cuspiram na cruz. Parece que a sua verdadeira divindade veiu a ser a sua propria ordem: adoraram o Templo, e os templarios seus cabeças como templos vivos; symbolisaram por meio das mais immundas e repugnantes ceremonias a devoção cega, o completo abandono da vontade. A ordem, concentrando-se assim, caiu n'uma feroz idolatria de si mesma, n'um egoismo satânico. O que ha de summamente diabolico no diabo é o adorar-se.

Dir-se-ha: eis ahí conjecturas. — Porém ellas derivam mui naturalmente do grande numero de confissões alcançadas sem o recurso dos tractos, particularmente em Inglaterra. — Demais: que tal fosse o character geral da ordem, que os estatutos se tornassem expressamente infames e impios, estou bem longe de o affirmar. Cousas taes não se escrevem: a corrupção entra n'uma ordem por connivencia mutua e tacita; as formas subsistem, mudando de sentido, e pervertidas por má interpretação que ninguém reconhece em publico. — Porém, mesmo quando essas torpezas, essas impiedades tivessem sido universaes na ordem, não teriam bastado para acarretar a sua destruição: o clero as teria vendado e abafado como outras muitas depravações ecclesiasticas. A causa da ruina do Templo foi o ser mui rico e mui poderoso: — houve outra causa intima, eu a direi logo.

À medida que o fervor das guerras religiosas diminuia na Europa, á medida que era menor a concorrência ás cruzadas, dava-se mais ao Templo, para se isentarem d'aquellas; os affiliados da ordem eram innumeraveis; bastava pagar dois ou tres dinheiros por anno. Muitas pessoas offereciam todos os seus bens e a si mesmas; dois condes da Provença se entregaram assim: o rei do Aragão legou o seu reino, mas o reino não o consentiu. — Póde julgar-se do numero prodigioso das possessões dos templarios pelo das terras, casaes e fortalezas arruinadas, que em nossas cidades e campos ainda conservam o nome do Templo. Possuíam, pelo que dizem, mais de nove mil domicilios na christandade: só n'uma provincia de Hespanha, o reino de Valença, tinham dezeseite praças fortes. Compraram por dinheiro de contado o reino de Chypre, que não poderam, é verdade, conservar. Com taes privilegios, taes riquezas, taes dominios, era bem difficil ter humildade. Ricardo, o coração de leão, dizia á hora da morte: « Deixo a minha avareza aos monges de Cister, a minha incontinencia aos monges pardos, e a minha soberba aos templarios. »

À falta de musulmanos, esta milicia turbulenta e indomavel guerreava os christãos: fizeram guerra ao rei de Chypre e ao principe de Antiochia; desenthronisaram o rei de Jerusalem, Henrique II, e o duque da Croacia; devastaram a Thracia e a Grecia. Todos os cruzados que voltavam da Syria não fallavam senão das traições dos templarios e do seu tracto com os infieis. Estavam em notoria correspondencia com os assassinos da Syria, e o povo observava com terror a analogia de seus vestuarios com o dos seguidores do velho da montanha. Tinham acolhido em suas ca-

sas o soldão, permittido o culto mahometano, avisado os infieis da chegada de Frederico II. Nas suas furiosas rivalidades contra os hospitalarios até chegaram a arremear frechas ao Santo Sepulchro. Affirmava-se que haviam morto um cabo musulmano que se queria fazer christão para não lhes pagar mais tributo.

A casa real de França, particularmente, assentava ter razão de queixa dos templarios: tinham morto em Athenas Roberto de Brienne; tinham recusado contribuir para o resgate de S. Luiz; e por ultimo se haviam declarado a pró da casa d'Aragão contra a de Anjou.

Entretanto, a Terra Sancta fôra definitivamente perdida em 1191 e a cruzada concluida. Os cavalleiros vinham a ser inuteis, formidaveis, odiosos: elles traziam para o centro d'este reino exausto (a França), e para debaixo dos olhos de um rei famelico, um monstruoso thesouro de cento e cincoenta mil florins d'ouro, e em prata a carga de dez muares. Que fariam elles, em plena paz, de tanto poderio e riqueza? Não lhes sobreviria a tentação de crearem para si um estado soberano em o Occidente, como os cavalleiros teutonicos fizeram na Prussia, os da ordem do Hospital nas ilhas do Mediterraneo, e os jesuitas no Paraguay? Se elles se houvessem reunido aos hospitalarios, nenhum rei do mundo lhes poderia resistir. Não havia estado onde não tivessem fortalezas; pertenciam a todas as familias nobres. Não eram, na verdade, ao todo mais de quinze mil cavalleiros; porém eram homens exercitados nas armas no meio de um povo que o não estava depois que tinham cessado as guerras dos senhores. Eram excellentes cavalleiros, rivaes dos mamelucos, tão intelligentes e ageis quanto era pesada e inerte a vagarosa cavallaria feudal. Por toda a parte se viam cavalgar nos seus admiraveis ginetes arabes, e seguido cada um do seu escudeiro, do pagem, e de um servente d'armas, sem contar os escravos pretos. Não podiam variar os vestidos, mas tinham preciosas armas orientaes, de aço de fina tempera, soberbamente adamascadas. — Conheciam bem as suas forças: os templarios d'Inglaterra tinham-se atrevido a dizer ao rei Henrique III: « Sereis rei em quanto fordes justo » — e este dicto na bocca d'elles era uma ameaça.

Tudo isto fazia scismar Filippe o formoso. Os templarios haviam recusado admitti-lo na ordem. Tinham-n'o rejeitado, e tinham-n'o servido; duplicada humilhação. Elle lhes devia dinheiro: — o Templo era uma especie de banco, como o tinham sido muitas vezes os templos da antiguidade. Quando em 1306 achou entre elles asylo contra o povo levantado, teve sem duvida occasião de admirar os thesouros da ordem, sendo os cavalleiros tão presumpçosos de si e tão arrogantes que nada lhe occultariam. — A tentação era forte para o rei. A victoria de Mons o deitara a perder: constrangido a entregar a Guyanna, tambem o fôra a largar a Flandres flamenga. A sua mingua pecuniaria era extrema, e não obstante isso foi-lhe mister supprimir um tributo contra o qual se amotinara a Normandia; o povo andava já tão agitado que foram prohibidos todos os ajunctamentos de mais de cinco pessoas. O rei não podia sair d'esta situação desesperada senão por algum grande confisco: ora, tendo sido expulsos os judeus, o golpe havia de desfechar-se ou contra o clero ou contra os nobres, ou sobre uma ordem que pertencia a uns e outros, mas que por isso mesmo, não pertencendo exclusivamente nem áquelle nem a estes, por ninguém seria defendida. Longe de serem apadrinhados os templarios, antes foram acommettidos pelos seus naturaes protecto-

res: os frades os perseguiram, os fidalgos principaes da França prestaram adhesão por escripto ao processo.

Filippe o formoso tinha sido educado por um dominico; e dominico era o seu confessor: — por longo tempo esta ordem de frades tinha sido amiga dos templarios, a ponto de se obrigarem aquelles a sollicitar dos moribundos que confessassem algum legado para o Templo; mas gradualmente as duas ordens vieram a ser rivaes. Os dominicanos tinham uma ordem militar propria, os cavalieri gaudenti, que não teve grande impulso. A esta rivalidade accidental deve acrescentar-se uma causa mais grave de rancor. Os templarios eram nobres; os dominicos, mendicantes, eram em grande parte mechanicos, posto que na sua ordem terceira contassem seculares illustres e até monarchas. Nas ordens mendicantes, como nos jurisconsultos conselheiros de Philippe o formoso, havia uma dóse commum de má vontade, um fermento de odio nivellador, contra os nobres, os guerreiros, os cavalheiros. Os legistas deviam aborrecer os templarios como cenobitas; os dominicanos, por outro lado, os detestavam como guerreiros, como cenobitas mundanos, que reuniam os proveitos da sanctidade e o orgulho da vida militar. A ordem de S. Domingos, inquisitorial, podia julgar-se obrigada em consciencia a deitar a perder, nas pessoas de seus rivaes, descrentes perigosos por duas maneiras, pela importação das superstições sarracenas e pelo seu tracto com os mysticos do occidente que não queriam adorar senão o Espirito.

O golpe não foi imprevisto, como se tem dicto: os templarios tiveram tempo de o ver imminente; mas a soberba os perdeu; sempre julgaram que ninguem se atreveria. — O rei, com effeito, hesitava: primeiro tinha tentado meios indirectos; por exemplo, pedir a ser admittido na ordem; se o tivesse conseguido, provavelmente se faria grão mestre, como practico com Fernando o catholico com as ordens militares de Hespanha: teria applicado a seu uso a fazenda do Templo, e a ordem se teria conservado.

(Continua.)

O FEITOR DE CANTÃO.

Novella.

(Continuado de pag. 106.)

TCHAO e Effendon empregaram muitos dias em tirar as informações de que o feitor carecia; mas a final o moço lettrado, que tomara conhecimento com os criados do censor Fo-hu, veio muito ufano dar parte a Effendon que o velho mandarim tinha com effeito em sua casa uma menina muda, que trouxera consigo de Cantão na ultima viagem, e que fazia passar por sua filha.

Estas particularidades tiravam toda a duvida; mas, ainda assim, o americano para ter provas evidentes escreveu um bilhete que Tchao se encarregou de fazer que fosse entregue a Maria. Voltou na mesma tarde com algumas linhas, escriptas á pressa, em que Maria implorava o soccorro paterno.

A vista d'este escripto causou no feitor uma impressão inexprimivel. Apesar de todos os indicios estivera até então duvidoso da vida da filha. Sem animo para soltar-se dos braços da esperanza, sem fé robusta para crer que ainda era pai, temia confundir o desejo com a realidade; mas agora tinha a prova diante dos olhos, via, palpava os caracteres que Maria traçara; cobria-os de beijos e lagrimas.

— «Leva-me a casa d'esse homem, disse elle a Tchao, depois de reler por duas ou tres vezes a carta. Quero que hoje mesmo me entregue minha filha.»

— «Receio que t'a negue», ponderou o lettrado.

— «Porque?»

— «Porque está a chegar o momento em que as filhas e sobrinhas dos principaes mandarins vão á presença do imperador que desposa as mais formosas (1). Se tua filha for escolhida medrará Fo-hu em riqueza e poderio.»

— «Ah! corramos, exclamou Effendon; eu o obrigarei a reconhecer os meus direitos.»

Mas quando chegou a casa do censor vedaram-lhe a entrada, e o mais que pôde obter foi deixar ficar uma carta em que reclamava sua filha. D'ahi a uma hora veio buscar a resposta, porém os servos de Fo-hu o enxotaram como um mentiroso, declarando que, se tivesse o atrevimento de alli tornar, tinham ordem de o entregar á policia.

Effendon não se expoz a uma resistencia inutil; sem perda de tempo fez que lhe ensinasse a morada do juiz, e foi de corrida levar-lhe a sua queixa.

Pela magia de ricos presentes não soffreu o negocio demoras, e logo no dia seguinte foi citado o censor para comparecer. O feitor esperou ao principio escorarse no testemunho de Tchao; mas este, assim que teve noticia do pleito, safou-se pelo sim pelo não, e por mais diligencias que Effendon fez para o achar não lhe pôde pôr a vista em cima. Appresentou-se portanto sózinho perante o juiz, e achou-se na presença do raptor de Maria.

Era um velhito de barbas brancas que respirava avareza e falsidade; tinha na mão um bastão de madeira preciosa cercado de letras douradas, e vinha com o trajo do seu cargo, composto d'um vestido talar de seda ornado de dois gryphos, botas de bico revirado, e chapéu de feltro violeta, com uma pedra preciosa por cima, distinctivo da sua dignidade.

Effendon, sendo interrogado pelo juiz, repetiu a sua historia tal qual a tinha estudado, narrou miudamente como soubera que sua filha estava em casa do censor (sem comtudo fallar do bilhete que ella lhe mandara), e em conclusão pediu lh'a restituisssem.

Fo-hu tomou a palavra quando lhe coube e começou o seu discurso como assombrado pela audacia d'um desconhecido que se atrevia a offender um dos primeiros dignitarios do imperio celeste. Declarou que o requerimento devia de ser marcado com o signal sie (falso, calumnioso), e fez que alli viessem muitos escravos, os quaes, depois de tocarem o chão com as testas, asseveraram que a menina que morava em casa de seu senhor era com effeito sua sobrinha, filha d'um irmão que elle tinha tido em Cantão, e que acabava de fallecer.

Mas estes depoimentos não descoroçoaram Effendon: sustentou com tal intrepidez quanto affirmara, que o juiz pasmava; e requereu que a muda fosse trazida ao tribunal e decidisse a contestação.

— «Se é sobrinha de Fo-hu, disse elle, não me pode conhecer; e posto que não possa fallar provará com gestos que vê em mim um estranho; se, pelo contrario, a virdes lançar nos meus braços e arredar de si este homem, não podereis duvidar da verdade da minha reclamação.»

Fo-hu com esta proposta enfiou. Contrariou-a com o pretexto de que era uma indecencia obrigar a apparecer em publico uma mulher de familia nobre.

— «Venha com um véu, replicou Effendon; mas venha, porque só ella pôde decidir por um de nós.»

O juiz deferiu, e deu ordem a dois officiaes de jus-

(1) Aos imperadores da China são concedidas por lei cento e vinte e uma mulheres; a saber: 1 imperatriz, 3 rainhas, 9 mulheres de 2.ª ordem, 27 da 3.ª, e 81 da 4.ª

tiça para que fossem a casa do censor e trouxessem sua sobrinha. Fo-hu mostrou a final annuir de bom grado, e deu-lhes para guia um seu escravo, a quem fez em voz muito baixa algumas recommendações. Effendon, que estava entretido a fallar com o juiz, não deu por isso.

Depois de longo esperar voltaram os homens mandados a casa do censor. O escravo e Fo-hu fallaram-se com os olhos.

— « Achastes quem procuraveis ? » perguntou o juiz.

— « Está á porta do teu tribunal » responderam os officiaes.

— « Entre ! entre ! » exclamou Effendon, sem poder reprimir a sua commoção.

Mas Fo-hu fez signal para se deterem.

— « Antes que esta experiencia te esclareça, tenho que te fazer um requerimento. »

— « Falla. »

— « Se esta menina me reconhecer por seu tio, este homem é um calumniador. »

— « Não ha duvida. »

— « Requeiro pois, n'este caso, que se lhe dê um castigo exemplar, para provar a todos, como diz o poeta, que a acção má traz tão certo o castigo como o botão do pecegueiro produz a sua flor. »

— « É justo, respondeu o juiz, e será cumprido o teu desejo ; vejamos antes o que faz essa menina. »

Os officiaes de justiça foram abrir a porta, e fizeram-n'a avisinhar.

Effendon ia a correr para ella ; mas estacou de repente, fazendo um gesto de espanto. A estatura acanhada, o andar mal firme, as mãos com as unhas compridas, não eram nem as mãos, nem o andar, nem a estatura de sua filha !

— « Maria ! » exclamou elle a tremer, com os braços estendidos.

Então a menina o encarou como assustada, e passando-lhe veloz pelo lado foi lançar-se nos braços de Fo-hu, á maneira de quem queria amparar-se com elle.

— « Vês ? disse o censor, cantando a victoria, não te conhece. »

— « É impossivel ! bradou Effendon sem crer o que estava vendo. Maria ! Maria ! »

E arremecendo-se á rapariga, arrancou-lhe o veu que lhe cobria o rosto !... Mas recuou de subito dando um ai sentido : aquelle rosto jámais o vira.

Seguiu-se um momento de desordem que interrompeu a sessão. A rapariga, atemorizada e confundida, tinha tapado a cara com as mãos ; Fo-hu instava pelo castigo do insolente embusteiro, e o juiz gritava aos esbirros que o prendessem. Effendon não se tirara do seu logar, immovel, mudo, esmagado debaixo do pezo de cruel desengano. Comtudo, quando sentiu que o agarravam, levantou a cabeça e recobrou parte da sua presença de espirito. Quiz suscitar duvidas sobre o dolo com que o censor procedera ; pediu que se lhe fizessem novas buscas em casa ; mas o juiz o atalhou declarando que a sua má fé estava demonstrada.

— « E como prometti um castigo exemplar, accrescentou elle, eu te condemno, a ti Kang-ho, a andar carregado com o lcha grande por dois annos, que passarás nas prisões do estado. Assim se execute. »

(Continua.)

AS THERMOPYLAS EM 1841.

O PASSO das Thermopylas, desfiladeiro tão celebre na historia da Grecia antiga por um assignalado feito de valor e nobre devoção civica, acha-se descripto na obra de Mr. Buchon pela maneira seguinte :

« Approximo-me, e torneio deliciosos valles, que ora sobem por declives em relevo nos lados oppostos de duas montanhas, ora se estreitam um pouco e seguem as ondulações da serrania, offerecendo aos olhos uma fileira de outeiros vecejantes, que, como as ondas do mar, se confundem contiguos uns aos outros. A olaia espalha com profusão as suas flores da tincta do lilaz, e a verdura se esmalta de anemones de todas as côres : prosigo á sombra de arvores as mais formosas ; e o que eu esperava era achar uma garganta bem estreita e bem pedregosa, impendente a algum charco profundo. A labrusca por cima da minha cabeça forma impenetraveis parreiras e me furta á vista os troncos do arvoredado extremamente nodosos : tudo é viçoso, e tudo florido, e centos de rouxinos se desafiavam em lucta d'harmonia debaixo d'aquellas copas amenas e frondentes. — Inquiro se na verdade vou caminho das Thermopylas. — Estais n'ellas — me respondem ; e olho os montes que se prolongam para apertar o desfiladeiro ; e os brejos á flor do chão estavam mascarados com os juncaes que os cobriam. Chegado mesmo ao sitio onde a subida se acha mais entalada, entre a serra e um pantano que se estende até a beira da calçada, investiguei esta montanha tão formosa de verdura para ver se era intransitavel ; o facto é que n'este passo, onde Leonidas pelejou á frente dos seus trezentos espartanos, denodada vanguarda dos cinco mil gregos, formados em escalões no valle immediato e em posto mui forte, não ha outro meio de seguir ávante senão passar pelo estreito caminho alto entre o charco e a montanha : posto que viçosos e bellos estes cerros não podem absolutamente ser atravessados senão por esta parte.

É facil ainda reconhecer o local marcado por Herodoto onde combateram e succumbiram Leonidas e os trezentos espartanos. N'este ponto a serra, posto que sempre verde, suspende-se abrupta, e vem fenece, sem diminuir o declive, justamente ao pé da estrada, e pelo outro lado é rodeada por um paul que se prolonga até o mar e atravez do qual é impossivel penetrar. Alguns passos mais para além vêem-se os restos de uma muralha de fortificação, com que o imperador Justiniano, á falta de peitos valentes, pretendera fechar a passagem.

Um pouco mais ávante brotam muitos mananciaes abundantes de aguas thermaes, que se derramam no pantano e formam uma crusta salina e branca de longa extensão. Perfeitamente se comprehende como n'este desfiladeiro trezentos homens decididos a morrer, e servindo de vanguarda a cinco mil valorosos, postados entre a montanha e o charco, puderam tolher o passo a numerosos exercitos. »

O JANTAR D'OSSOS.

CERTO clerigo, amigo de bons bocados e de applicar o sancto preceito do jejum aos seus servos, tinha por costume quando se regalava com alguma gallinha, perdiz, ou cousa que o valha, chuchar-lhe muito bem os ossinhos, e da-los depois ao triste moço, dizendo-lhe muito ufano : « Vai jantar. » — « Jantar o que ? lhe disse um dia o transparente moço, se V. S.^a já roeu os ossos duas vezes. » — « Essa é boa ! lhe tornou o clerigo. Pois eu posso roer os ossos duas vezes, e você, só biltre, não os pode roer uma ? »

A EMPRESA d'este Jornal tem remettido regularmente aos Srs. Assignantes das Provincias todos os numeros publicados, e pede aos que, por qualquer motivo, deixassem de os receber, hajam de fazer as suas declarações, que promptamente serão attendidas.